

Carlos Ferreira

Quase Exílio

Instituto Nacional de Indústrias Culturais, Luanda, 2004

Jacinto Rodrigues

O título deste livro de poemas é já em si bastante sugestivo. “Quase exílio” é o sentimento de estrangeiridade num mundo que se consolidou e cristalizou contra os sonhos e a esperança duma revolução.

O envolvimento de Carlos Ferreira no processo revolucionário angolano não se restringiu apenas ao necessário processo de independência nacional. Um desígnio levou-o a encarar a luta pela independência não como meta final mas apenas como um momento para a transformação estrutural, de maneira a possibilitar uma sociedade de justiça social.

A militância cívica e o empenhamento interventivo na cultura e na sociedade, empolgaram-no numa perspectiva mais ampla para a transformação da realidade angolana.

A cultura poética de Carlos Ferreira é uma cultura internacionalista com uma abrangência universalista que assenta essencialmente na compreensão da política como desenvolvimento social, como participação das populações e numa procura de valores universais de liberdade, igualdade e fraternidade.

Por isso ele fala-nos assim:

*“O meu mar juntou em si todas as
tonalidades do mundo
do tempo da pedra lascada
à idade imperial americana”
“O meu paladar é o do bombó ao
shop-suey
do óleo de palma ao caviar”*

Esta forma alegórica de dizer, encerra uma importante contribuição na reflexão das lutas de emancipação colonial.

As “negritudes” descontextualizadas tornaram-se muitas vezes novas formas de racismo ainda que originadas por um outro racismo de visão ocidentalocrática.

A atitude de Carlos Ferreira é a de quem combate todas as formas de racismo. Ao mesmo tempo opõe-se também a uma visão de pretensa globalização que sendo apenas globalização neo-liberal alarga a dominação, a exclusão e a exploração.

Carlos Ferreira afirma num dos poemas a sua abertura cultural, alheia de qualquer neonegritude demagógica e isenta de qualquer fundamentalismo mitológico que apenas pretende escamotear a realidade concreta, a miséria e exclusão da própria nação angolana.

Diz então o poeta:

*“em mim
não há etnias
xenofobias
telepatias
minhas origens atravessam o mundo
o colorido do mundo
eu sou a fusão”*

Assim, Carlos Ferreira levanta esta questão central: a identidade cultural não é algo de construído definitivamente, como se fosse uma essência imutável. As identidades culturais são construções, simbioses, mestiçagens, e por isso constituem também factores de desenvolvimento e criatividade.

A coesão identitária constituiu uma forte resistência contra uma outra força identitária intolerante. Mas os povos não se confinam a esquemas predefinidos, a mitologias simbólicas estáticas. A cultura é um sistema em aberto. Não é um estereótipo cristalizado para todo o sempre. É antes de tudo um *processo*. Um processo contínuo de cruzamentos. O carácter dialógico e contraditório das múltiplas diferenças culturais serve o desenvolvimento, enriquece a abrangência de perspectivas perante a sociedade, revela a consciência e é o fermento para novas mudanças sociais.

É na instância jurídica, no domínio da justiça social que se deve propugnar por um *ideal igualitário*, forte e inflexível. Mas nunca na instância cultural, porque a cultura necessita de liberdade para se

frutificar em criatividade e descoberta. É na persistência da igualdade de oportunidades sociais que se promove o grande objectivo do desenvolvimento social. Para isso, exigem-se revoluções estruturais e económicas que propiciem uma sociedade cada vez mais fraterna, mais justa e sem exclusões.

O poeta retoma nos seus versos esta consciência dum trajecto inacabado da emancipação angolana. Conseguiu-se a independência formal mas ficaram por resolver questões sociais que sustentam e reproduzem a dependência económica e a exploração dos oprimidos.

Com a clareza dos seus poemas, diz-nos:

*“Voltamos ao passado
num ápice
sem dar conta
e tudo devidamente cozinhado na
mesma panela – copo farra
missa alvissaras
novela futebol e esquecimento total”*

*“Os pequenos patifes
foram subindo subindo
(...)
nada sobra
passeiam-se descarados à nossa frente
(...)
A obra colectiva é hoje
pasto da mesma manada”*

É neste olhar crítico sobre a situação actual, que se situam os temas principais da poesia de Carlos Ferreira. Mas nesta escrita, por vezes sarcástica e magoada, perpassa o lirismo e a ternura. A esperança, os sonhos e as utopias realizáveis manifestam-se constantemente nesta poesia.

A metamorfose a que assistimos é a de uma mudança amadurecida, que conhece as dificuldades duma realidade contraditória que só a consciência crítica e a pilotagem quotidiana da nossa vida permite vencer.

No fundo, trata-se de fazer nascer agora uma cidadania que resulta duma visão mais complexa e mais consciente, feita de aprendizagem continuamente avaliada, à custa de “remoer”, como ele próprio diz, “o cabo da minha antiga esperança”.

“Os heróis dos meus quinze anos meteram-se a caminho (...) Depois foram-se indo embora (...) Deixam-nos o nada para a caminhada”.

E retomando esta ideia, o poeta afirma:

*“ Não tenho nunca mais
Heróis dos meus quinze anos
Nem de outra qualquer idade
(...)
Hoje vou aprendendo a ser”*

É este “aprender a ser”, que é mais importante que todos os heróis quiméricos com que sonhamos aos quinze anos. Ao fim e ao cabo eram miragens que não nos faziam crescer por dentro. Talvez por isso, sem a participação consciente e permanentemente activa, todos os processos cristalizem. A obra colectiva é hoje “pasto da mesma manada”, diz o poeta.

Não interessa portanto continuar a desvairar com “uns comprimidos na algibeira, umas garrafas a molhe para esconder a ruína”.

Esta mensagem do poeta de Angola, Carlos Ferreira, é uma mensagem que transcende a angolanidade e vem certa, com seus versos cristalinos, ao encontro da realidade em Portugal, onde se comemoram aqui e agora, 30 anos de uma revolução, que agora chamam evolução e que, entre missas, copos e futebóis, se finge servir a causa do povo.

Mas esta causa universal, que é sede de justiça, não se compadece com visões estereotipadas.

O poeta recorda:

*“Me estava a esquecer quem era
(...)
Lembrei o ritmo a cadência dos deserdados
Para quem o mundo
Voltou a ser o mundo de há séculos”*

E nos últimos versos do livro perpassa então como uma chama indomável, o entusiasmo épico pela revolução:

*“Mesmo demorando mil anos
Morro com ela no coração”*